

BISSEXUALIDADES NA AMAZÔNIA PARAENSE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Beatriz Rodrigues Nascimento¹

Aline Stefany Queiroz Leite²

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata-se de um relato de experiência acerca do “1º Encontro Visi(Bi)lidades: bissexualidades na Amazônia Paraense” realizado pela Liga de Cuidados Integrals à Diversidade Sexual e de Gênero (LACIGS+), em Belém-PA. A Liga é composta integralmente por pessoas da comunidade LGBTI+ e propõe-se a desenvolver trabalhos a partir do tripé ensino-pesquisa-extensão, como também a construir um espaço de acolhimento, de empoderamento e de apoio mútuo entre os integrantes.

O evento constrói-se a partir das inquietações de mulheres bissexuais da LACIGS+, tanto pelas particularidades de suas vivências enquanto identidades monodissidentes, quanto pelo não-reconhecimento das bissexualidades nos eventos sobre a comunidade LGBTI+. Desse modo, realizado no Dia da Visibilidade Bissexual, o evento propôs promover reflexões e ecoar a pluralidade das vivências bissexuais dialogando sobre monossexismo, não-binariedade e moda, corporalidades negras, afeto(s) e construção do ser bissexual ao longo da história. Também se compartilharam histórias a respeito de violências que atravessam nossas identidades e, por fim, construindo uma bandeira coletiva com nossos desejos para o presente-futuro enquanto comunidade.

Nesta perspectiva, o trabalho tem como objetivo abordar as principais temáticas percebidas (pelas autoras) e discutidas durante todo o encontro vivencial. Ressaltando como o monossexismo sustenta o apagamento sistemático das identidades não-monossexuais, em especial às bissexualidades, gerando processos

1 Bacharela no curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA); Pós-graduanda da Especialização em Promoção de Políticas Públicas em Gênero e Sexualidade na Amazônia pelo PPGDDA da Universidade Federal - PA, psi-beatrizrodrigues@hotmail.com;

2 Bacharela no curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA); Pós-graduanda da Especialização em Promoção de Políticas Públicas em Gênero e Sexualidade na Amazônia pelo PPGDDA da Universidade Federal - PA, alinestefany.1515@gmail.com.

de deslegitimação e de invisibilização, não-pertencimento, hipersexualização, afetando diretamente nossa saúde mental, subjetividades e relações, sendo elas de amigas, familiares, entre sujeitos da comunidade LGBTI+ e sociedade geral.

Ademais, entende-se ser imprescindível a produção e a expansão dos saberes construídos acerca das bissexualidades, também produzidos por pessoas bissexuais, visibilizando as particularidades, desafios e potencialidades das identidades monodissidentes. Assim como, evidenciar o projeto sistêmico do apagamento bissexual tencionando o lugar marginalizado que as bissexualidades têm ocupado frente ao binário heterossexual/homossexual, buscando construir coletivamente estratégias de enfrentamento. Dessa maneira, o trabalho se constrói metodologicamente por meio do relato de experiência, este que possibilita o registro das experiências vivenciadas sob perspectiva crítica-reflexiva, amparado nos estudos teóricos sobre monossexismo e bissexualidades.

Percebe-se a importância em ofertar e construir em comunidade um espaço seguro para compartilhamentos de histórias, estas atravessadas por diversas violências como também por possibilidades. As principais temáticas percebidas nas falas dos participantes foram sobre: deslegitimação da sua bissexualidade por familiares e amigos lgbti+; imposições e cobranças por performances do “bom” bissexual e de como “seria” ser um; não-reconhecimento no mercado de trabalho; vigilâncias/mensurações referentes aos afetos amorosos-sexuais; o evento enquanto espaço para o reconhecimento, reafirmação e legitimidade entre os seus; e, a LACIGS+ como lugar de apoio, acolhimento e afeto.

Para isto, o referencial teórico deste estudo baseia-se na compreensão da bissexualidade como sexualidade e identidade política de pessoas para as quais o gênero, não é um fator determinante da atração sexual ou afetiva e/ou que se relacionam sexual ou afetivamente com mais de um gênero (Frente Bissexual Brasileira, 2021). Assim, enquanto identidade política, torna-se uma das possibilidades de desestabilização e de enfraquecimento das categorias rígidas e binárias normativas de gênero e sexualidade ao desafiar os dogmatismos identitários.

Nesta perspectiva, a identidade bissexual é considerada ilegítima dentro de uma estrutura cisheteronormativa, monogâmica e binária, na qual corpos e corpos fora da lógica hegemônica são marginalizadas e invisibilizadas. Assim, Jaeger (2018) aponta que ativistas bissexuais e pesquisadoras tem utilizado o termo monossexismo, isto é, a crença social que presume a monossexualidade a todas as pessoas, ou seja, todos os indivíduos sentem atração por um - e apenas um - gênero, como as heterossexualidades e as homossexualidades.

Dessa maneira, as autoras Núñez, Oliveira e Lago (2021) compreendem a monossexualidade enquanto monocultura da sexualidade (Núñez; Oliveira; Lago,

2021), pois, parte dos pressupostos a não concomitância e reivindicação da exclusividade, isto é, afirma a bissexualidade como apenas fase e/ou indecisão e se coloca como “única”, “legítima”, respectivamente. Logo, Lewis (2012) enfatiza que sujeitos bissexuais “tendem a experimentar problemas duplos de discriminação, preconceitos, hostilidade e estigmatização” (p. 70) por parte de pessoas monossexuais, às especificidades dessas discriminações denomina-se bifobia, assim, este fenômeno refere-se ao processo de invisibilização, de marginalização e de deslegitimação das vivências bissexuais também para descrever as reações ofensivas dirigidas às bissexualidades.

Portanto, a construção de espaços para compartilhamentos, (re)conhecimentos, tecendo redes de apoio e de afeto tornam-se importantíssimos para os enfrentamentos a bifobia e promoção de (re)significações coletivas acerca das bissexualidades.

METODOLOGIA

O relato de experiência consiste em uma redação acadêmico-científica que visa contribuir para o aperfeiçoamento da compreensão, da qualificação da construção e da discussão do conhecimento, assim, parte de ações crítica-reflexivas da experiência, juntamente com um levantamento bibliográfico, tem como característica principal a descrição da intervenção (Mussi; Flores; Almeida, 2021). Neste sentido, o evento foi realizado no dia 23 de setembro de 2023, em Belém-Pa, nos turnos da manhã e da tarde, no primeiro realizaram-se mesas redondas que abordaram as temáticas: monossexismo; não-binariedade e moda; atravessamentos nas corporalidades negras bissexuais; o lugar do afeto(s) nas bissexualidades; e, a construção do ser bissexual ao longo da história, e no segundo promoveu-se uma roda vivencial com objetivo elementar do compartilhamento de vivências, de memórias e de sentimentos atravessadas por suas bissexualidades.

O foco desse trabalho diz respeito as impressões e as percepções das autoras a partir dos compartilhamentos dos participantes na roda vivencial. A dinâmica do diálogo se deu a partir dos seguintes convites: 1. Convido vocês a compartilharem vivências atravessadas pela hiperssexualização, não pertencimento e invisibilização; 2. Convido vocês a produção coletiva sobre resistências, transformações, possibilidades, perspectivas para o nosso presente-futuro. Dessa maneira, anotamos com sensibilidade e respeito palavras-chaves e pequenas frases a respeito do que percebíamos através das falas e escolhemos aquelas que percebíamos em comum como também aquelas compartilhadas com mais frequência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quem é o “bom” e o “mau” bissexual: sobre vigilâncias e performances

As construções identitárias das pessoas bissexuais se dão de formas plúrais, nesta perspectiva, Lewis (2012) em sua pesquisa propõe-se a compreender o processo de construção das identidades de ativistas que se identificam como bissexuais, observou a partir das narrativas das agentes do seu estudo “o uso frequente da autorização e da autenticação” (p. 144), a fim de demarcar que a bissexualidade não é só uma fase antes da declaração em ser homossexual ou heterossexual ou frente aos outros estereótipos como promiscuidade, indecisão, entre outros, criam-se discursos de como devem ser essas identidades. Para tanto, a autora também ressalta as consequências dessa estratégia, como por exemplo a deslegitimação de outras performances identitárias, a formação de uma ideia de sexualidades fixas, rígidas e excludentes.

A respeito dos estereótipos, Eisner (2013 *apud* Monaco 2021) afirma que eles “implicam uma demanda por normalidade porque representam a bissexualidade como um desvio da norma e, portanto, como inerentemente perversa” (p. 6), geralmente, as refutações aos estereótipos criam “uma imagem espelhada dessa bissexualidade anormal, desviante e suja: cria uma bissexualidade que é estável, inofensiva, normal” (p. 6), assim, é imaginada normativa e sexualmente adequada. A partir disso, são produzidas linhas imaginárias entre as boas e as más bissexuais.

Percebemos nas falas de alguns participantes como eram colocados como bons, ao performarem expectativas normativas, isto é, se relacionavam monogamicamente há anos, correspondiam às expressões de feminilidades ou masculinidades, e maus quando se relacionavam com múltiplas pessoas ou preferencialmente se relacionavam “mais com um gênero”. A partir desse último especificamente, critica-se estrategicamente dentro do movimento bissexual sobre a “carteirinha bissexual”, em que não se pode ficar muito tempo sem se relacionar com pessoas de variados gêneros, pois correria o risco de ter sua carteira “cancelada”, ou seja, parte-se da vigilância de que você bissexual precisa autenticar sua identidade pela mensuração de quantas pessoas se relacionou.

Relações de afeto e o não apoio: a família, os amigos e a comunidade LGBTI+

As redes de afeto e de apoio são uma das principais estratégias de saúde pautadas dentro dos movimentos sociais, em relação ao movimento LGBTI+ parte também da possibilidade de existência. Contudo, Monaco (2020) aponta que

“muitas autoras e autores identificam o apagamento da bissexualidade em vários espaços, inclusive nos movimentos e teorias gays, lésbicos, queer e feministas” (p. 46), logo, entende-se que relações de afeto não garantem apoio. Neste aspecto, alguns participantes relataram que sofreram bifobia nos mais variados relacionamentos, em relação as amizades cobranças como “foca só numa pessoa” “amigo, tu estás confuso, eu também passei por isso” demonstraram violências sofridas nas relações afetivas.

Nas relações familiares, uma das narrativas centrais se voltaram a não-aceitação desses afetos, um dos participantes compartilhou como sua mãe era pró-movimento e se relacionava com várias pessoas LGBTI+, no entanto, quando comunicou a ela sua identidade sexual a mesma não o aceitou, outro participante relatou que ao contar para sua mãe que era bissexual a mesma disse que era “muito confuso de entender”, ser homossexual ou heterossexual era fácil, mas, bissexual não, posto a crença na monossexualidade.

Ademais, os relatos também permearam as relações com outras pessoas sexo-gênero dissidentes, uma participante compartilhou que sofreu bifobia no próprio estabelecimento de trabalho com sua equipe (composta por lésbicas, gays, transsexuais e travestis) que não a reconheceu como alguém legítima para ser entrevistada sobre visibilidade no mês do orgulho LGBTI+, assim, para Yoshino (2000) o processo de invisibilização e apagamento sistemático das bissexualidades acontece por meio de um “contrato epistêmico” entre heterossexuais e homossexuais que utilizam as mesmas estratégias para o apagamento da bissexualidade, como dinâmicas de deslegitimação e negação da existência, por exemplo.

(Re)conhecer o pertencimento: espaços de acolhimentos

Espaços de socialização, de apoio e de cuidado são importantíssimos tanto na construção das identidades bissexuais quanto nas saúdes emocionais e psicológicas, Monaco (2020) pontua que diversos teóricos assinalam como a coletividade entre pessoas bissexuais produzem bem-estar. Consoante a isto, as e os participantes compartilharam como o evento de bissexualidades oportunizava um lugar para o reconhecimento, a reafirmação e a legitimidade das suas identidades, ao estar com outros bissexuais sentimentos de segurança e acolhimento emanavam.

Da mesma maneira, os participantes que integravam a LACIGS+ ressaltaram que a Liga também se localizava nesse lugar de apoio, acolhimento e afeto, assim como, construía-se na possibilidade de reconstrução das suas redes de afeto e de apoio. Alguns participantes também compartilharam a importância

das discussões propostas pela mesa redonda no turno da manhã, como tiveram o primeiro contato com a história aprofundada do movimento bissexual, com perspectivas interseccionais que pautavam além do marcador de gênero e de sexualidade, também com termos acadêmicos-políticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho consistiu em abordar as principais temáticas percebidas (pelas autoras) discutidas durante o encontro vivencial e articular com teorias críticas no que tange os estudos de gênero e de sexualidades. Dessa maneira, compreendemos a importância na expansão dos conhecimentos sobre as bissexualidades, ressaltando que produzimos saberes também nas academias, além do mais, poder oportunizar o acesso a conceitos e novas perspectivas, enfatizando nossas pluralidades. Outrossim, a construção de espaços que promovam (re)significações coletivas acerca das bissexualidades e que coletivamente nos organizemos ao enfrentamento do monossexismo, da bifobia e demais opressões. Por fim, como posto no Manifesto Bissexual Brasileiro, nós bissexualizamos, pois, “não buscamos a “normalidade”, queremos expor as hierarquias que definem quem são corpos desviantes e tentam exterminar a fluidez e a mudança” (Frente Bissexual Brasileira, 2021), e assim, nós “lutamos por nossas vidas e continuaremos vencendo”.

Palavras-chave: Bissexualidades, Monossexismo, Saúde Mental, Relacionamentos afetivos, Subjetividades.

REFERÊNCIAS

FRENTE BISSEXUAL BRASILEIRA. Manifesto Bissexual Brasileiro, 2021.

JAEGER, Melissa Bittencourt. **Experiência de minas bissexuais:** políticas identitárias e processos de marginalização. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.

LEWIS, Elizabeth Sara. **“Não é uma fase”:** Construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. 267 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

LONGHINI, Geni Nuñez; OLIVEIRA, João Manuel de; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Periódicus**: Revista de Estudos Indisciplinados em Gêneros e Sexualidades, Salvador, v. 2, n. 11, p. 1-13, mai/out 2019.

MONACO, Helena Motta. **“A gente existe!”**: ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente. 150 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2020.

MONACO, Helena Motta. “As pessoas precisam saber o que é bi”: visibilidade e movimentos bissexuais. Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis, 2021.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Rev. Praxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

NÚÑEZ, Geni; OLIVEIRA, João Manuel de; LAGO, Mara Coelho de Souza. Monogamia e (anti)colonialidades: uma artesanaria narrativa indígena. **Teoria e Cultura**, v. 16, n. 3 (2021): Dossiê Afetos, políticas e sexualidades não-monogâmicas, p. 76-88.

YOSHINO, Kenji. The Epistemic Contract of Bisexual Erasure. Yale Law School Legal Scholarship Repository, **New Haven**, v. 1, n. 1, p. 353-461, 2000.